

Letramento digital – lendo em papel e em pixel*

Digital Literacy – reading paper and pixels

Ana Elisa Ribeiro¹

RESUMO

Este trabalho traça uma história do hipertexto e considera a leitura não-linear como um modo de ler também relacionado a suportes como o jornal e as revistas impressos e digitais. As novas tecnologias trazem novas formas de ler que, no entanto, herdam características de suportes mais antigos, o que traria certa sensação de familiaridade ao leitor. Sendo assim, a partir de pesquisa qualitativa que observou os comportamentos e gestos de leitura de leitores de impressos na lide com a tela, presume-se que o leitor de hipertexto impresso reconfigura seus modos de ler de maneira a se adaptar à leitura em computador. Desse ponto de vista, ser letrado em hipertextos impressos ajuda na compreensão e na navegação de hipertextos digitais, algo que a escola pode ajudar a facilitar.

Palavras-chave: Hipertexto; Jornalismo; Leitura.

ABSTRACT

This article revisits the history of hypertext and considers the non-linear reading as a reading way related with medias as newspapers and magazines. New technologies bring new ways of reading, but inherited some characteristics of traditional medias, that cause certain sensation of familiarity on the reader. By this way, a qualitative search was implemented, analysing behavior and gesture of newspapers readers when they read on screen. This search presumed that printed hypertext reader reconfigures the way of reading, making some adaptations to read on the screen of the computer. At this point of view, the act of

* *Pixel*, do inglês, *picture element*, é a menor unidade que compõe uma imagem e determina sua resolução. Quanto mais *pixels*, melhor a qualidade da imagem. O termo é especialmente aplicado aos usos e empregos da imagem na tela.

¹ Doutoranda em Linguística pela Fale/UFMG. Professora, escritora e editora.

browsing in printed hypertexts helps comprehension and navigation of digital hypertext, something that school can help too.

Keywords: Hypertext; Journalism; Reading.

RESUMEN

Este trabajo traza una historia del hipertexto y considera la lectura no lineal como un modo de leer también relacionado con soportes como el periódico y las revistas impresas y digitales. Las nuevas tecnologías traen nuevas formas de leer que, no obstante, heredan características de soportes más antiguos, lo que traería cierta sensación de familiaridad al lector. Siendo así, a partir de la investigación cualitativa que observó los comportamientos y gestos de lectura de lectores de impresos en la imagen de la pantalla, se presume que el lector del hipertexto impreso reconfigura sus modos de leer, adaptándose a la lectura en ordenador. Desde ese punto de vista, ser experto en hipertextos impresos ayuda en la comprensión y en la navegación de hipertextos digitales, algo que la escuela puede ayudar a facilitar.

Palabras clave: Hipertexto; Periodismo; Lectura

O hipertexto revisitado

Tanto para a filosofia quanto para a ciência da computação (também para a psicologia e a engenharia de controle e da comunicação, a lingüística ou a neurofisiologia), a relação mente/cérebro deu margem para muitas e profundas discussões (Gardner, 1996). Em alguma dessas empreitadas reflexivas sobre como o cérebro (ou como a mente, ou como ambos...) funciona (ou pensa ou reage...), o matemático Vannevar Bush desenhou um conceito (ainda sem nome): hipertexto. Embora a "idéia" tenha surgido na década de 1940, nos Estados Unidos, o termo hipertexto só foi cunhado aproximadamente vinte anos depois, por Theodore Nelson, também nos EUA, quando o pesquisador se referia a sistemas utilizados em tecnologia informática (Laufer & Scavetta, s/d. p. 48). A Internet, nova tecnologia de armazenagem, busca e transferência de dados, no entanto, só se articulou trinta anos depois e potencializou a produção de textos para leitura hipertextual.

Com o advento de novas tecnologias de suporte para escrita e leitura, o *hipertexto* passou a ser usado como sinônimo de texto não-linear em meio

digital, dando a (falsa) impressão de que é uma *novidade* relacionada, necessariamente, à Rede Mundial de Computadores. Não é o que mostra, no entanto, a história das práticas de leitura, assim como a dos suportes, da produção editorial e das tecnologias de gestão do conhecimento.

O hipertexto tem história recente, mas possui fundamentos antigos nas enciclopédias, nas coleções e nas bases de dados. As dificuldades semânticas de acesso aos documentos e aos conhecimentos não desapareceram, mas foram, em parte, contornadas, por meio de novos dispositivos pragmáticos. (Laufer & Scavetta, s/d. p. 8).

A perspectiva histórica fornece subsídios para discutir inclusive os prognósticos sobre o texto no novo suporte e sobre as práticas de leitura em tela, na análise das reações do leitor às acomodações ao novo suporte (e deste ao novo leitor).

Existem paralelos interessantes entre algumas das reações à revolução eletrônica e as reações à invenção da imprensa, ocorrida há quinhentos anos. Observam-se as mesmas previsões extravagantes sobre o poder da tecnologia de mudar o mundo e de trazer um mundo melhor para todos. Nos temores contemporâneos em relação ao acesso ilimitado a sites perigosos da Internet, e às dificuldades enfrentadas por governos de diversos países no policiamento da distribuição da informação, ouve-se o eco do pânico causado pela invenção da imprensa. Historiadores da imprensa já ouviram essa história antes. Se queremos distinguir com a devida clareza o velho do novo, se queremos medir com precisão o significado da "revolução da informação", então uma perspectiva histórica é indispensável. (Lyons & Leahy, 1999, p. 7,8).

Desde a invenção dos PC (computadores pessoais, em inglês, *personal computers*), pesquisadores têm se esforçado para que as máquinas fiquem mais potentes e mais portáteis, fazendo um percurso muito semelhante ao do livro impresso, que caminhou sempre para o desenvolvimento de tecnologias mais portáteis, a partir das demandas do leitor/usuário.

As tecnologias eletrônicas digitais fundaram novas maneiras de escrever e ler, utilizando interfaces novas: o teclado e o monitor em vez da caneta e do papel, a impressora, a utilização de *softwares*, tais como o Word, o Bloco de notas, os navegadores para a leitura na Internet. Tudo isso são novas inter-

faces, tanto para o escritor quanto para o leitor, ou novas tecnologias para fixar a escrita e fazer a leitura (a tela ou a página impressa). É importante frisar, no entanto, que são tecnologias que aderem a possibilidades já existentes e estáveis há tempos, ou seja, melhor do que dizer que sejam exclusivas e excludentes, essas tecnologias se somam a um rol de práticas de leitura e escrita, são híbridas em sua natureza e origem, já que são, ao menos em parte, familiares ao leitor, e são alternativas a outros modos de ler e escrever.

Conforme Lévy (1993), a mudança e o desenvolvimento de novas interfaces tornam mutável a relação do corpo com o objeto de leitura. A história do impresso traz à tona a história de formas mais “primitivas” de hipertexto plenamente assimiladas pelos leitores e produtores de textos (livros, revistas, jornais, etc.) da sociedade contemporânea.

O hipertexto retoma e transforma antigas interfaces da escrita. A noção de interface, na verdade, não deve ser limitada às técnicas de comunicação contemporâneas. A impressão, por exemplo, à primeira vista é sem dúvida um operador quantitativo, pois multiplica as cópias. Mas representa também a invenção, em algumas décadas, de uma interface padronizada extremamente original: página de título, cabeçalhos, numeração regular, sumários, notas, referências cruzadas. Todos esses dispositivos lógicos, classificatórios e espaciais sustentam-se uns aos outros no interior de uma estrutura admiravelmente sistemática: não há sumário sem que haja capítulos nitidamente destacados e apresentados; não há sumários, índice, remissão a outras partes do texto, e nem referências precisas a outros livros sem que haja páginas uniformemente numeradas. Estamos hoje tão habituados com esta interface que nem notamos mais que existe. Mas no momento em que foi inventada, possibilitou uma relação com o texto e com a escrita totalmente diferente da que fora estabelecida com o manuscrito: possibilidade de exame rápido do conteúdo, de acesso não-linear e seletivo ao texto, de segmentação do saber em módulos, de conexões múltiplas a uma infinidade de outros livros graças às notas de pé de página e às bibliografias. É talvez em pequenos dispositivos “materiais” ou organizacionais, em determinados modos de dobrar ou enrolar os registros que estão baseadas a grande maioria das mutações do “saber”. (Lévy, 1993, p.34).

As antigas interfaces adaptadas aos novos suportes e aos novos modos de ler fazem o leitor/usuário e o produtor de textos reconfigurarem suas per-

cepções de que, embora o suporte material da escrita mude, o usuário/leitor, à medida que interage com o texto no suporte – seja ele papel ou tela –, descobre e desenvolve formas melhores e mais eficientes de ler, tudo isso com a finalidade de manter a qualidade da leitura.

Porém, o fato de surgir um novo suporte para leitura/escrita não quer dizer que absolutamente todos os expedientes do leitor/usuário tenham que ser modificados. As novas tecnologias podem recuperar características de outras, muitas vezes até de tecnologias já quase esquecidas (hibridez do suporte). A familiaridade do leitor com determinados gêneros de texto, diagramações e suportes pode torná-lo mais hábil no reconhecimento de um novo suporte, como aponta Lyons (1999):

O livro impresso herdou muitas das convenções do livro manuscrito, mas gradualmente impôs e desenvolveu seus métodos próprios de arrumação do espaço tipográfico. Novas formas impressas de pontuação, por exemplo, precisavam ser desenvolvidas. Os primeiros livros impressos freqüentemente convidavam o leitor a fornecer seus próprios meios auxiliares de leitura, pedindo-lhe que este numerasse as páginas, marcasse letras maiúsculas em vermelho e acrescentasse sua própria pontuação. (...) Hoje, textos eletrônicos podem restaurar algumas oportunidades que haviam se perdido na relação do livro com o leitor. (Lyons & Leahy, 1999, p. 14).

Se a invenção do livro encontrou suas acomodações na história da relação entre o leitor e o objeto de leitura, a tela também está a caminho de encontrar suas formas mais eficientes e confortáveis, embora a busca pelo objeto portátil continue, conforme questiona Chartier:

Afirma-se freqüentemente que não dá pra imaginar muito bem como se pode ler na cama com um computador, como a leitura de certos textos que envolvem a afetividade do leitor pode ser possível dessa mediação fria. Mas sabemos o que virão a ser os suportes materiais da comunicação dos textos eletrônicos? (Chartier, 1998, p. 142).

Híbridos e familiares

As tecnologias se sucederam ou co-ocorreram na história da humanidade e é preciso ponderar sobre o trato do leitor/usuário com o texto em dado suporte. As possibilidades do impresso e do digital não são as mesmas, mas

são parecidas. Há pelo menos duas perspectivas sob as quais pensar a história das tecnologias: como um *continuum* e como ruptura. Para Laufer & Scavetta (s./d.), o hipertexto digital seria o *continuum* de outras tecnologias de suporte para leitura/escrita, e não uma ruptura revolucionária:

Uma vez mais, a informatização obriga a analisar a estrutura do objeto e o seu modo de funcionamento. O que se passou em relação ao fabrico do livro, em geral, encontra aqui uma seqüência: ao rolo sucedeu o códice e, actualmente, o hipertexto; a página do rolo era presa por dois dos seus lados, a do códice por um só, a do hipertexto por nenhum. A manipulação intuitiva do códice é, hoje, substituída por um dispositivo explícito de interactividade que permite extrair um texto (no sentido de uma visão textual, de um ponto de vista sobre o hipertexto). (Laufer & Scavetta, s./d. p. 7).

No entanto, os autores não são felizes na abordagem dos conceitos de texto e hipertexto, além de não explicarem de forma convincente a leitura linear e a não-linear, estando presos a uma oposição inadequada, do ponto de vista da história das práticas e das tecnologias de leitura, qual seja: a do hipertexto como algo vinculado à existência em meio digital.

O texto é um conjunto de parágrafos sucessivos, reunidos em artigos ou capítulos, impressos em papel, e que se lêem, habitualmente, do princípio ao fim.

Um hipertexto é um conjunto de dados textuais, computadorizados num suporte eletrônico, que podem ser lidos de diversas maneiras. Os dados estão repartidos em elementos ou nós de informação, equivalentes a parágrafos. Esses elementos, em vez de estarem ligados uns aos outros como as carruagens de um comboio, estão marcados por elos semânticos que permitem passar de um para outro, sempre que o utilizador os activa.¹ Os elos estão fisicamente "ancorados" em zonas, por exemplo, numa palavra ou numa frase.

O texto propõe ao leitor um percurso fixo. O hipertexto permite ao leitor constituir, progressivamente, no écran, um conjunto fugaz de elementos textuais, sempre que o desejar. No hipertexto, o leitor desloca-se, designando, com a ajuda de um apontador situado no elemento onde se

¹ Em Portugal, empregam-se menos termos em inglês para os mesmos dispositivos conhecidos no Brasil como *links* e *mouse*. Neste caso, os autores se referem aos links (elos activáveis ou activa). Já a palavra *écran* refere-se à tela.

encontra, o elo activável que desencadeia a visualização do ou dos elementos desejados. A existência do elo é-lhe indicada por uma característica física da zona que o contém; por exemplo, uma palavra activável estará escrita a negro ou inserida dentro de um rectângulo. (Laufer & Scavetta, s./d. p. 5,6).

Defendendo o argumento de que houve aumento de velocidades de busca e de publicação, considera-se que o leitor de hipertextos impressos (enciclopédias, dicionários, notas de rodapé, sumários, etc.) não tem tantos problemas ao deparar com hipertextos digitais, que lhe parecerão familiares na forma de navegar, caso o leitor esteja disposto em relação a suas expectativas sobre a máquina e a Internet.

É importante lembrar que as tecnologias digitais de publicação de textos ainda são fundadas sobre a escrita impressa, talvez de forma ainda mais imbricada. O leitor que navega em espaços digitais só pode se mover porque lê, assim como o livro. É pensando assim que se defende a idéia de que a nova interface oferece pouco obstáculo a quem toma conhecimento dela neste instante. Discute-se, neste trabalho, que o leitor de hipertextos impressos sentirá familiaridade com a leitura em tela, fazendo diferença apenas aspectos relacionados às características inerentes ao suporte: da gramatura sensível do papel à página iluminada, da posição no sofá ou na cama à leitura rígida diante da tela, etc.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (Lévy, 1993, p. 33)

Tanto Chartier (1998) quanto Lévy (1993), ao refletirem sobre os hipertextos impressos, digitais e até mesmo manuscritos, terminam por sugerir que não há, de fato, novidade absoluta no aparecimento do texto suportado pelo computador. Assim, é notável que se possa aplicar o conceito de navegação à leitura em hipertextos, sejam eles impressos ou eletrônicos:

O hipertexto também desvia em seu proveito alguns dispositivos próprios da impressão: índice, thesaurus, referências cruzadas, sumário, legendas... Um mapa ou esquema detalhado com legendas já constitui um agenciamento complexo para uma leitura não-linear. A nota de pé de página ou a remissão para o glossário por um asterisco também quebram a seqüencialidade do texto. Uma enciclopédia com seu thesaurus, suas imagens, suas remissões de um artigo a outro, é por sua vez uma interface altamente reticular e "multimídia". Pensemos na forma de consultar um dicionário, onde cada palavra de uma definição ou de um exemplo remete a uma palavra definida ao longo de um circuito errático e virtualmente sem fim.

O que, então, torna o hipertexto específico quanto a isso? A velocidade, como sempre. A reação ao clique sobre um botão (lugar da tela de onde é possível chamar um outro nó) leva menos de um segundo. A quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda a sua extensão o princípio da não-linearidade. Isto se torna a norma, um novo sistema de escrita, uma metamorfose da leitura, batizada de navegação. (Lévy, 1993, p.37)

Trata-se, como se quer demonstrar, mais de uma reconfiguração das práticas de leitura ao novo suporte do que propriamente de uma novidade que possa dividir a história humana em eras (do manuscrito, do impresso, da informática, etc.). É assim que a pretensa revolução da informática perde sua mística e torna-se mais um rearranjo da era da escrita.

Texto ou hipertexto

Se o conceito de hipertexto surgiu a partir da reflexão sobre como funciona a mente humana, é possível percorrer um trajeto que leve à conclusão de que o produto textual a que se deu o nome de hipertexto tenha sido uma forma de simular os caminhos da leitura na mente, com as associações, analogias, inferências e labirintos possíveis e imagináveis. É assim que o hipertexto digital é construído.

No entanto, pensando no produto que simula as operações mentais, tem-se que é um texto desmontado em fatias, já disposto da forma que o leitor faria, caso o mesmo texto fosse apresentado de maneira linear. Isso leva à formulação de que o texto é sempre texto e a leitura é sempre hipertextual. O produto escrito denominado hipertexto simula o processamento de leitura que se faz em outros produtos textuais.

Segundo teorias sociointeracionistas, o leitor e o texto estão sempre *online*, em interação que permita que nenhum deles seja o único responsável pelas hipóteses de sentido levantadas. Se é assim, o leitor e seu repertório são ativados e ativam, assim como o texto ativa e é ativado. A partir disso, é possível pensar que a leitura depende sempre do hipertexto do leitor, e o texto “fatiado”, tanto impresso quanto digital, tenta reproduzir o que se faz mentalmente quando se está a ler.

Pelos motivos apontados, seria mais adequado tratar-se do texto em qualquer ambiente ou suporte, mesmo quando simular as janelas e os mapas que o texto linear não simula. No entanto, a leitura sempre será hipertextual, seja o texto “fatiado” e “linkado” ou não. E se assim for, a nova forma de projetar textos ficaria sem um nome específico, então é cabível voltar ao *hipertexto* como denominação do *texto simulador da leitura hipertextual*.

Jornal e revista: hipertextos

A sinalização, a familiaridade com a interface e as possibilidades mais ou menos abertas de percurso fazem com que um objeto de leitura possa ser chamado de hipertexto. É nesse ponto que jornais e revistas atendem a uma configuração mínima para que possam ser encarados como hipertextos, ainda que não sejam necessariamente digitais.

O jornal ou revista, refugos da impressão bem como da biblioteca moderna, são particularmente bem-adaptados a uma atitude de atenção flutuante, ou de interesse potencial em relação à informação. Não se trata de caçar ou de perseguir uma informação particular, mas de recolher coisas aqui e ali sem ter uma idéia preconcebida. O verbo *to browse* (“recolher”, mas também “dar uma olhada”) é empregado em inglês para designar o procedimento curioso de quem navega em um hipertexto. No território quadriculado do livro ou da biblioteca, precisamos de mediações e mapas como o índice, o sumário ou o fichário. Ao contrário, o leitor do jornal realiza diretamente uma navegação a olho nu. As manchetes chamam a atenção dando uma primeira idéia, pinçam-se aqui e ali algumas frases, uma foto, e depois, de repente, é isso, um artigo fisga nossa atenção, encontramos algo que nos atrai... *Só podemos nos dar conta realmente do quanto a interface de um jornal ou de uma revista se encontra aperfeiçoada quando tentamos encontrar o mesmo desembaraço num sobrevôo usando a tela e o teclado.* O jornal encontra-se todo em *open*

field, já quase inteiramente desdobrado. A interface informática, por outro lado, nos coloca diante de um pacote terrivelmente redobrado, com pouquíssima superfície que seja diretamente acessível em um mesmo instante. A manipulação deve então substituir o sobrevão. (Lévy, 1998, p.35,36, grifos meus).

Segundo Lévy (1998), revistas e jornais impressos são hipertextos em que o leitor pode navegar a partir de uma primeira página que oferece indicações que o guiam para a matéria de seu interesse. Índices e sumários oferecem maneiras mais eficientes e ágeis de chegar a determinado tema ou texto, sendo que o leitor deve desenvolver aptidão em promover buscas a partir do sistema que encontra.

Ler o texto em diferentes suportes (impresso ou digital) não chega a prejudicar a qualidade da leitura. A tela configura outras maneiras de dispor do que se lê, maneiras essas em constante reconfiguração de práticas e necessidades para leitor e para produtor. Assim é que os jornais impressos ganharam versões na Internet, em princípio conhecidas como jornalismo *on-line* e, posteriormente, como webjornalismo, dadas as reações do leitor e a criação de formas mais eficientes e confortáveis de ler jornal em meio digital.

Não se trata, simplesmente, de transpor textos do hipertexto impresso para o digital, sem qualquer ajuste. É essa aplicação forçada e impensada do material de leitura que causa prejuízo ao leitor. Embora se defenda a hibridiz do suporte e do produto texto que se publica e lê, é preciso reconfigurar o velho para torná-lo adequado à leitura em novo suporte, conforme novas práticas de leitura.

A leitura de livros encontrou um ponto eficiente e confortável da evolução do suporte: o tamanho, o material e a tipografia parecem bastante estáveis há muito tempo. Jornais e revistas encontraram seus formatos em estágios mais recentes da história da leitura nesses suportes. Atualmente, a leitura desse gênero de texto na tela é que vem sendo alvo dos estudos da engenharia.

Navegar no hipertexto impresso é sensivelmente diferente de navegar no digital no que diz respeito à relação entre corpo e objeto. As informações estão dispostas de maneira diferente e a velocidade de acesso à matéria é muito maior, mas obedecendo às configurações mínimas específicas de cada meio, garante-se o conforto e a familiaridade ao leitor/usuário.

E o que isso tem a ver com letramento e sala de aula?

A partir da perspectiva histórica, que mostra que os modos de ler se reconfiguram à medida que surgem novos dispositivos e suportes de texto, presume-se que o leitor familiarizado com gêneros lidos em forma de hipertexto impresso (jornais e revistas, por exemplo) não deve ter grandes dificuldades para ler hipertextos digitais (jornais e revistas digitais, por exemplo). Navegar em hipertextos torna-se o centro de gravidade do problema de ler e lidar com suportes, sejam eles novos ou velhos.

O leitor que se inicia na leitura de jornais e revistas impressos, treinando sua lide com esse tipo de hipertexto, seja na escola, seja fora dela, deverá sentir alguma familiaridade com a navegação em meio digital, demonstrando, com o tempo, certa ampliação de suas possibilidades como leitor, atuando em qualquer suporte ou meio e ampliando seu letramento para, também, o que se tem chamado de *letramento digital*.

Levar o aluno do impresso ao digital não tem, aqui, caráter de evolução, no sentido de melhora ou “seleção natural”, mas, sim, da abertura de um leque de alternativas de leitura e escrita que a contemporaneidade oferece.

Em pesquisa, de caráter qualitativo, realizada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de 2001 a 2003, junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Linha G – Estudo da inter-relação entre linguagem, cognição e cultura), pôde-se confirmar a hipótese de que a ampliação do letramento do leitor de hipertextos impressos se dava pelo uso do novo suporte, reconhecendo nele a herança das práticas do impresso e deduzindo novos usos. A mudança na nomenclatura empregada para usos conhecidos foi parte das pistas que o grupo de leitores pesquisado ofereceu ao pesquisador de que conhecia uma prática de leitura e estava em plena reconfiguração dessa prática, na direção de aprender mais possibilidades em novos meios.

A pesquisa, intitulada *Ler na tela – novos suportes para velhas tecnologias*, selecionou quatro leitores (dois homens e duas mulheres) para serem submetidos à bateria triangular de testes que seria constituída por: a) protocolo verbal; b) questionários para verificação da leitura de texto impresso e digital (localização, produção de inferências, percepção de ironia, por exemplo); c) entrevista. Esta última serviu de parâmetro para a seleção dos

leitores/usuários testados e garantiu que todos tivessem características da macrohistória pessoal, social e escolar adequadas à proposta da pesquisa.

Todos os leitores apresentavam perfis semelhantes (faixa etária, escolaridade, classe social, referências culturais, hábitos de leitura), sendo que os quatro tinham vasto letramento em material impresso e intimidade como usuários de computador. Para a pesquisa, era de suma importância saber que esses usuários liam fluentemente tanto em papel quanto em tela.

Foram oferecidos jornais (*Hoje em dia* e *Folha de S. Paulo*) aos leitores nos quais eles deviam procurar por notícias específicas, conforme comando da pesquisadora. Partindo da primeira página, hipertexto estável desde tempos imemoriais, cada leitor navegou e fez seu percurso mais ou menos preciso em direção à notícia pedida. O protocolo verbal que cada leitor fez enquanto navegava no texto impresso foi comparado ao protocolo verbal registrado em relação à navegação dos mesmos jornais mencionados acima, em suporte digital. Para corroboração da hipótese inicial da pesquisa, qual seja, a de que os leitores agiriam de maneira semelhante ao navegar no papel e na tela, obteve-se resultado pertinente à história da navegação de textos em suportes contemporâneos e em suportes mais antigos.

À medida que navegava e encontrava o texto pedido pela pesquisadora, cada leitor lia a notícia publicada pelo jornal e respondia a um questionário cujo objetivo era levar os usuários a fazer localizações e inferências intra e extratextuais. Os quatro leitores apresentaram resultados de leitura muito semelhantes e os testes não acusaram diferença considerável ou importante entre a leitura em papel e a leitura em tela.

A pesquisa elencou uma série de termos empregados pelos leitores para leitura em tela. No entanto, a novidade parecia residir no máximo na nomenclatura, uma vez que se identificaram os mesmos comportamentos na relação leitor/impresso e leitor/tela: “dar uma olhada”, “ver a primeira folha todinha”, “passar o olho”, “dar uma folheada”, expressões empregadas pelo leitor que lê impressos, cederam lugar ao “escanear a tela”, quando os mesmos leitores estacionam diante do computador. De maneira semelhante, “primeira página” e “primeira folha” dão lugar à “página inicial” e “chamadas” e “manchetes” tornam-se “links”, na prática da leitura em tela. Assim como “ler” um hipertexto impresso passa a ser “navegar” no hipertexto digital.

É importante salientar que as mudanças de termos para comportamentos semelhantes é feita de maneira desavisada pelos leitores/usuários. De maneira gradual e inconsciente, eles se conformam à prática de ler em novo suporte, aprendem os novos usos e as novas possibilidades, quase sem se dar conta. No entanto, trazem uma bagagem importante como leitores de hipertextos impressos, bagagem essa que os auxilia na dedução de certas formas de agir, além de torná-los menos indispostos com a nova tecnologia, já que sentem nela qualquer coisa de familiar.

Assim é que o letramento se amplia, numa retícula de possibilidades mais ou menos engendradas umas nas outras, os usos sociais dos suportes e a leitura dos textos ganham novos contornos e o leitor de certos gêneros de texto ou de certos suportes pode caminhar incessantemente, enquanto novos modos e meios de ler forem sendo inventados e reinventados.

Conclui-se que: escola também é lugar de navegar

A sala de aula, nesse sentido, pode ser o espaço da leitura de hipertextos impressos e digitais. Se o jornal impresso é abordado pelo professor e trabalhado pelos alunos a partir da leitura de crônicas, tirinhas, editoriais, notícias, reportagens e outros gêneros textuais de maneira isolada, faz-se a leitura solitária do texto, excluindo a navegação do suporte e das pistas hipertextuais, assim como exclui-se parte das expectativas que teria o leitor de jornal.

A leitura do jornal como hipertexto deveria prever a navegação da primeira página, assim como a busca em chamadas e índices, para simular o percurso do leitor. O mesmo leitor que fará percursos triados e dinâmicos na Internet, quando for ler o webjornal.

Tendo alguma familiaridade com as páginas impressas, o leitor experimentará, quando do contato com a leitura em meio digital, certa destreza com o hipertexto em computador. E se assim for, é de se esperar que o professor tome a seguinte posição: expandir o letramento, sem considerar estanques as leituras, os suportes e os leitores.

Referências bibliográficas

- BELO, André. *História & livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.
- COSCARELLI, Carla Viana. (Org.) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GARDNER, Howard. *A nova ciência da mente*. São Paulo: Edusp, 1996.
- LAUFER, Roger & SCAVETTA, Domenico. *Texto, hipertexto, hiperâmia*. Trad. Conceição Azevedo. Porto: Rés-Editora, s./d. (Coleção Cultura Geral)
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.
- LYONS, Martin, LEAHY, Cyana. *A palavra impressa. Histórias da leitura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

Recebido: 12-11-04

Aprovado: 13-5-05